

## QUESTÃO 1

## ASSUNTO: A MORTE DE MARAT

Em 1793, sob o impacto da notícia do assassinato do jornalista e político francês Jean-Paul Marat, o pintor Jacques-Louis David (1748-1825) compôs a tela *A morte de Marat*. O acontecimento trágico é considerado um momento também dramático da história da Revolução Francesa (1789), que, poucos anos após a destituição do regime da nobreza, adentra a fase conhecida como “Terror”. Nela, as divergências e os conflitos internos entre os revolucionários se acentuam e são progressivamente radicalizados em meio às crescentes e acirradas disputas pelo poder entre girondinos e jacobinos, com prisões, massacres e não raro o uso da guilhotina aos considerados “traidores” ou simplesmente “inimigos”, a exemplo de Charlotte Corday, a assassina de Marat.

Representante do estilo neoclássico na história da pintura, influenciado por Michelangelo e Caravaggio, David imortalizou nessa tela o personagem, Marat (1743-1793), e consagrou no reino das belas-artes esse assassinato político de enorme repercussão em seu tempo. Tomando o contexto socio-histórico da produção da tela, procure, por meio das estratégias do pintor no enquadramento da cena e nos elementos que a compõem, indicar o alcance da arte pictórica tanto para as interpretações históricas que ela suscita entre seus contemporâneos quanto para o modo pelo qual a Revolução Francesa passa a ser representada e lembrada pelas gerações seguintes, com a produção de telas como “A morte de Marat”.



## RESPOSTA

Após a derrubada do rei Luís XVI, em 1792, a Revolução Francesa avançou para uma fase de aguda radicalização política, em meio à qual apareciam graves cisões entre os grupos militantes. Naquele ambiente, destacaram-se os girondinos e os jacobinos; os primeiros eram mais associados aos interesses da alta burguesia mercantil, à defesa do livre jogo do mercado e a uma maior autonomia administrativa dos departamentos; os últimos, formados principalmente por setores da pequena-burguesia, defendiam o dirigismo econômico e a hipertrofia do poder de Paris. Foi este o ambiente em que nasceu a tela “A Morte de Marat”, que exaltava a figura do jornalista radical Jean-Paul Marat, assassinado pela aristocrata provinciana simpática aos girondinos, Charlotte Corday. Típica produção do Neoclassicismo, a composição mistura os elementos característicos daquela escola (ideais de beleza, estabilidade, harmonia e clareza), com a exaltação cívico-heróica despertada pelas lutas revolucionárias, na França. Detalhe curioso: a postura de Marat lembra a figura de Jesus retirado da cruz, numa possível referência ao sacrifício redentor do mártir popular, que tombou em pleno exercício de sua atividade política.

## QUESTÃO 2 ASSUNTO: AS ORIGENS DO TOTALITARISMO E RUPTURA: A CRISE DA DEMOCRACIA LIBERAL

“Duas guerras mundiais em uma geração, separadas por uma série ininterrupta de guerras locais e revoluções, seguidas de nenhum tratado de paz para os vencidos e de nenhuma trégua para os vencedores, levaram à antevisão de uma terceira guerra mundial entre as duas potências que ainda restavam. O momento de expectativa é como a calma que sobrevém quando não há mais esperança. Já não ansiamos por uma eventual restauração da antiga ordem do mundo com todas as suas tradições, nem pela reintegração das massas, arremessadas ao caos produzido pela violência das guerras e revoluções e pela progressiva decadência do que sobrou. Nas mais diversas condições e nas circunstâncias mais diferentes, contemplamos apenas a evolução dos fenômenos – entre eles o que resulta no problema de refugiados, gente destituída de lar em número sem precedentes, gente desprovida de raízes em intensidade inaudita”. (ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: 1989, p. 11)

Em 1951, a filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1975) publicou um dos tratados filosófico-políticos mais densos sobre o mundo contemporâneo que emergia dos escombros da Segunda Guerra mundial e dos horrores perpetrados pelo nazismo e pelos demais regimes totalitários. Para tanto, produz uma investigação histórica profunda acerca da gênese do antissemitismo, do imperialismo e do totalitarismo no Ocidente. Publicado há mais de setenta anos, o livro permanece atual e inquietante em face dos problemas vividos pela humanidade no século XXI, parte significativa deles assentados nos desafios de gerir e lidar com os fenômenos da intolerância, do autoritarismo, da violência, das guerras internacionais e das formas segregadoras de desumanização de povos, etnias e grupos sociais.

Face ao cenário crítico investigado por Arendt em sua época, e à luz da citação transcrita acima, desenvolva uma reflexão capaz de analisar questões geopolíticas da contemporaneidade que se baseiam igualmente em princípios e em estruturas intolerantes, dominadoras e violentas de exclusão, recorrendo aos contextos nacionais e internacionais. Para tanto, leve em consideração a ascensão de governos autoritários no último decênio e a luta pela preservação ambiental associada à sobrevivência de grupos étnicos. Se preferir, você pode se valer ainda de outra leitura obrigatória da bibliografia selecionada – *Ruptura: crise da democracia liberal*, de Manuel Castells –, para subsidiar e complementar sua resposta.

### RESPOSTA

Com o fim da Guerra Fria, em 1991, a opinião pública mundial foi embriagada pelas promessas de paz, estabilidade geopolítica e triunfo mundial da liberal-democracia. Porém, à medida que os anos foram se passando, tais esperanças desvaneceram sob o crescente processo de oscilação financeira, exclusivismo nacionalista, intolerância religiosa, extremismo ideológico e competição global. Ao invés de vivermos uma “nova era” de equilíbrio, parece que retornamos a uma “velha era” de incertezas, tais quais aquelas que inspiraram Hannah Arendt a produzir sua obra clássica. Em vários pontos do globo, presenciamos à fratura de antigas unidades políticas (União Soviética, Iugoslávia, Sudão), à emergência de aspirações separatistas (uigures, bascos, curdos, russos do Donbas), à emergência de movimentos islâmicos extremistas (Boko Haram, ISIS, Al-Qaeda, Hamas), ao aparecimento de líderes personalistas de forte perfil autoritário (Donald Trump, Jair Bolsonaro, Viktor Orbán), ao mesmo tempo em que ressurgem a tensão geopolítica entre Washington e Moscou, naquela que alguns estudiosos chamam de Segunda Guerra Fria. Esse ambiente de crise da democracia liberal, analisado por Manuel Castells, é severamente transtornado pelo poder disruptivo da internet e das redes sociais, que contribuem para a “polarização furiosa” na política, incluindo e manipulação dos debates, através do uso de robôs patrocinados e concebidos para privilegiar determinados segmentos e partidos políticos.

QUESTÃO 3

ASSUNTO: MÚSICA – DOMINGO NO PARQUE

<b>“Domingo no parque” Compositor: Gilberto Gil</b>	
<p>O rei da brincadeira Ê, José! O rei da confusão Ê, João! Um trabalhava na feira Ê, José! Outro na construção Ê, João!...</p> <p>A semana passada No fim da semana João resolveu não brigar No domingo de tarde Saiu apressado E não foi prá Ribeira jogar Capoeira! Não foi prá lá Pra Ribeira, foi namorar...</p> <p>O José como sempre No fim da semana Guardou a barraca e sumiu Foi fazer no domingo Um passeio no parque Lá perto da Boca do Rio...</p> <p>Foi no parque Que ele avistou Juliana Foi que ele viu Foi que ele viu Juliana na roda com João Uma rosa e um sorvete na mão Juliana seu sonho, uma ilusão Juliana e o amigo João...</p> <p>O espinho da rosa feriu Zé (Feriu Zé!) (Feriu Zé!) E o sorvete gelou seu coração O sorvete e a rosa Ô, José! A rosa e o sorvete Ô, José! Foi dançando no peito Ô, José! Do José brincalhão Ô, José!...</p>	<p>O sorvete e a rosa Ô, José! A rosa e o sorvete Ô, José! Oi girando na mente Ô, José! Do José brincalhão Ô, José!...</p> <p>Juliana girando Oi girando! Oi, na roda gigante Oi, girando! Oi, na roda gigante Oi, girando! O amigo João (João)...</p> <p>O sorvete é morango É vermelho! Oi, girando e a rosa É vermelha! Oi girando, girando É vermelha! Oi, girando, girando...</p> <p>Olha a faca! (Olha a faca!) Olha o sangue na mão Ê, José! Juliana no chão Ê, José! Outro corpo caído Ê, José! Seu amigo João Ê, José!...</p> <p>Amanhã não tem feira Ê, José! Não tem mais construção Ê, João! Não tem mais brincadeira Ê, José! Não tem mais confusão Ê, João!...</p>

### QUESTÃO 3

### ASSUNTO: MÚSICA – DOMINGO NO PARQUE

Em 1967, um novato músico baiano, Gilberto Gil, concorreu no Festival da Canção da TV Record com “Domingo no Parque”, que se tornaria uma de suas principais composições e um dos emblemas do movimento da Tropicália, ao lado do compositor Caetano Veloso, do artista plástico Hélio Oiticica e do dramaturgo José Celso Martinez Correa, entre outros. Um dos pontos polêmicos da canção finalista foi o uso da guitarra elétrica, instrumento típico do rock, que parecia destoar dos princípios mais puristas dos defensores da autêntica música brasileira.

Em fins dos anos 1960, marcados pela efervescência político-cultural de contestação à ditadura militar recém-instalada e de engajamento da juventude estudantil, essa controvérsia dividiu o segmento da MPB (Música Popular Brasileira) e os líderes do Tropicalismo, mais preocupados em experimentar livremente e em reunir as tradições nacionais e regionais – no caso de “Domingo no Parque”, há o uso do berimbau e a presença incidental do baião – mesclando-as aos elementos da vanguarda musical internacional, a exemplo da música pop, da cultura de massas e até mesmo da música clássica.

Com base no contexto de surgimento dessa canção, elabore uma interpretação da letra acima – considere seu tema, seus versos e sua técnica de composição – e reflita até que ponto Gilberto Gil amplia seu alcance ao evitar se restringir ao nacionalismo cultural como um critério exclusivo na escolha de temáticas, de instrumentos musicais, de ritmos e de melodias na produção de sua obra.

### RESPOSTA

Em meados dos anos 1960, a cultura brasileira atravessava um ambiente de intensa efervescência e experimentação, num contexto nacional de ressurgimentos das lutas políticas (combate à Ditadura Militar) e num cenário mundial de características revolucionárias (Descolonização Afro-Asiática, Guerra do Vietnã, Revolução Cultural Chinesa). Em nossas terras, um dos maiores símbolos de ousadia artística foi o movimento da Tropicália, que buscou inovar na estética musical, com a mescla de elementos tradicionais e modernos, nacionais e estrangeiros, formando uma colcha de retalhos cultural poucas vezes vista na história da música popular. Ao tomarmos o exemplo de “Domingo no Parque”, constatamos um ineditismo presente tanto na letra quanto na composição melódica. Nela, identificamos a influência do álbum “Sgt. Pepper’s”, dos Beatles, no qual o rock britânico lançou mão de instrumentos inusitados e de estilos musicais orientais. Esta canção de Gilberto Gil impressiona o ouvinte com dois cortes abruptos: um, no começo da música, em que uma cacofonia sonora é interrompida pela entrada do ritmo dançante da capoeira; outro, no final, em que uma melodia lenta e melancólica é rompida pelo retorno do estrondo cacofônico inicial. Em suma, não se trata de uma produção marcada pelo exclusivismo nacionalista, nem pelo provincianismo tacanho, mas pelo universalismo moderno e cosmopolita.

#### QUESTÃO 4

#### ASSUNTO: O PAGADOR DE PROMESSAS

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2015, a maior parte da população brasileira, 84,72%, vive em áreas urbanas. Já 15,28% dos brasileiros vivem em áreas rurais.

A Grande Região com maior percentual de população urbana é o Sudeste, com 93,14% das pessoas vivendo em áreas urbanas. A Região Nordeste é a que conta com o maior percentual de habitantes vivendo em áreas rurais, 26,88%.

Nas décadas de 1970 e 1980, o Brasil sofreu um intenso processo de êxodo rural. A mecanização da produção agrícola expulsou trabalhadores do campo que se deslocaram para as cidades em busca de oportunidades de trabalho. Hoje, o deslocamento do campo para a cidade continua, porém, em percentuais menores.

O intenso processo de urbanização no Brasil gerou o fenômeno da metropolização (ocupação urbana que ultrapassa os limites das cidades) e, conseqüentemente, o desenvolvimento de grandes centros metropolitanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador, Goiânia, Manaus, entre outros.

Fonte: IBGE (<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html>)

A partir dos dados reportados na transcrição acima, sabe-se que, desde a segunda metade do século XX, o Brasil se mostra um país majoritária e progressivamente urbano, com a esmagadora maioria da população residindo em grandes cidades e em polos metropolitanos cada vez mais adensados. Não obstante, a importância das áreas rurais permanece forte, haja vista a pujança financeira e econômico-produtiva mais recente do chamado agronegócio na região Centro-Oeste do país.

O campo das artes e da cultura sempre conferiu interesse e destaque ao campo e às regiões mais distantes do país. Isso se deu desde que dicotomias espaciais como litoral/sertão se estabeleceram no imaginário nacional, registradas ainda nos tempos remotos da colonização. O cinema, por sua vez, é uma das linguagens artísticas do século XX mais proeminentes na representação da terra e na composição da imaginação geográfica do país. Historicamente, um dos melhores exemplos dessa produção cinematográfica é o filme "O pagador de promessas" (1962), do diretor Anselmo Duarte, agraciado com a prestigiada Palma de Ouro no Festival de Cannes, na França daquele ano.

A partir da trama fílmica selecionada em *O pagador de promessas*, desenvolva uma reflexão em torno das temáticas eleitas pelo enredo para representar o povo brasileiro naquele momento histórico, datado de sessenta anos atrás. Considere questões referentes à religiosidade popular, ao sincretismo religioso, ao êxodo rural, à reforma agrária e/ou ao realismo no cinema como uma forma de dar tratamento artístico a conflitos sociais no país. Caso necessário, a resposta pode eleger um filme alternativo, apresentado no edital e no conteúdo programático listado, com a condição de que dialogue com aspectos análogos ao da película selecionada.

#### RESPOSTA

O filme "O Pagador de Promessas", de 1962, foi produzido numa conjuntura em que o Brasil atravessava de aceleradas transformações socioeconômicas, misturadas a um crescente processo de radicalização popular, em que a palavra de ordem das "reformas de base" polarizava a opinião pública nacional, em torno de temas como a reforma agrária, por exemplo. Mais especificamente, o país vivia os efeitos da política industrialista inaugurada por Getúlio Vargas, nos anos 1930, mas aceleradas pelo nacional-desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek. Em suma, o país mergulhava numa transição em que o constante campo-cidade ainda não estava resolvido, sobretudo porque o processo de êxodo rural arremessava nos grandes centros urbanos uma população ainda fortemente apegada às suas duradouras tradições: moral cristã, catolicismo popular, sincretismo religioso e fervor místico. Na trama dirigida Anselmo Duarte, todas essas questões estão em jogo, se entrelaçam e se influenciam reciprocamente. Outra obra que apresenta as mesmas questões é o documentário *Cabra Marcado Para Morrer*, de Eduardo Coutinho, que nasceu com a pretensão de ser uma ficção sobre as Ligas Camponesas, no Nordeste, mas teve sua produção interrompido pelo Golpe Militar de 1964. Ali, também aparecem os dramas da população trabalhadora camponesa, na luta pelo acesso à terra e pelo fim da exploração do trabalho.

## QUESTÃO 5

## ASSUNTO: LITERATURA CONTEMPORÂNEA

“O sol nos castigava com a fome e nos restava o desalento pelas roças perdidas. Meu pai estava alquebrado, e mesmo o jarê perdeu um pouco do brilho que havia antes. Num desses dias, depois de acondicionarmos a massa do buriti nos sacos de linhagem, minha mãe adoeceu com febre e forte dor de barriga, nada ficava em seu estômago. Mas precisávamos de dinheiro, então, como ocorria nesses casos, eu iria com as filhas de Tonha para a cidade, e Belonísia ficaria cuidando de Domingas”. (*Torto arado*, 2019, p. 70).

Em 2019, a publicação do livro de um escritor estreante – o baiano Itamar Vieira Junior – surpreendeu a opinião pública e arrebatou a crítica literária, com a obtenção de prêmios nacionais e internacionais. A surpresa causada por *Torto arado* disse respeito, entre outros fatores, à volta do romance brasileiro à geografia do interior do Nordeste brasileiro e ao foco em seus personagens de origem popular – uma constante do chamado romance social da década de 1930. Isso porque, nas últimas décadas, parte expressiva da literatura brasileira contemporânea tem-se dedicado a ficções de cunho eminentemente urbano, centrada em cenas e tramas fictícias da subjetividade de protagonistas pertencentes às classes médias, escritos por autores igualmente situados nesses extratos sociais, interessados em experimentações narrativas e na diluição das fronteiras tradicionais dos gêneros literários.

Com seu premiado livro de estreia, Itamar Vieira Junior recupera certa tradição narrativa interessada em tipos populares e em zonas geográficas rústicas, menos afetadas pelos meios de comunicação de massas e pela indústria cultural típica dos ambientes urbanos. O próprio simbolismo de um instrumento agrícola arcaico, expresso no título conciso – *Torto arado* – acentua o desejo do autor de ir ao encontro de experiências cotidianas e coletivas de vida que, não obstante o voraz processo de urbanização e industrialização por que passou o Brasil, persiste em existir, resiliente, tal como retrata o autor em trama familiar ambientada no sertão da Bahia.

Com base na leitura dessa ficção, destaque os elementos primordiais do enredo de *Torto arado* e, em seguida, reflita sobre a capacidade de a literatura influenciar a constituição de um “imaginário rural” para leitores que, nos dias de hoje, residem em grande maioria nas metrópoles e nas áreas citadinas. Caso necessário, a resposta pode eleger um romance alternativo, apresentado no edital e no conteúdo programático listado, com a condição de que dialogue com aspectos análogos aos do livro em questão.

## RESPOSTA

Com relação ao universo de “Torto arado”, tem-se um romance que mergulha nas profundezas da cultura e da história do sertão brasileiro. A trama gira em torno das irmãs Bibiana e Belonísia, que vivem em uma fazenda no sertão baiano, mais especificamente na Chapada Diamantina (espécie de retomada da perspectiva dos autores regionalistas do Modernismo). Após um acidente que muda suas vidas, porque Belonísia tem a língua mutilada enquanto as duas brincam com uma faca velha e misteriosa, elas acabam por seguir caminhos distintos: ao passo que Bibiana se torna uma curandeira respeitada, Belonísia se envolve na luta por direitos trabalhistas dos agricultores da região.

O romance atravessa gerações, de modo a explorar temas como a desigualdade social, a relação com a terra e a busca por justiça. A narrativa entrelaça mitos, tradições e a história do Brasil, oferecendo uma reflexão profunda sobre identidade, poder e as complexidades da vida no sertão nordestino. É uma obra que mistura drama, lirismo e uma forte crítica social, de forma a tornar o leitor coparticipante em uma poderosa história sobre família, herança cultural e as lutas diárias enfrentadas por aqueles que habitam essa paisagem única, de muita riqueza e pobreza (ao mesmo tempo).

Ademais, o livro estimula o “imaginário rural” do leitor ao apresentar uma narrativa vívida e imersiva que retrata o cotidiano, as tradições e os conflitos das comunidades do sertão da Bahia. Com uma ambientação detalhada e aprofundamento nas relações familiares, a narrativa explora a conexão emocional das personagens com a terra, destacando a importância da agricultura e revelando as lutas sociais e econômicas enfrentadas no ambiente. Esses elementos combinados criam um retrato complexo e realista, incitando uma identificação e compreensão mais profunda do mundo e das pessoas que habitam esse contexto afastado dos grandes centros urbanos. Portanto, ainda que o interlocutor não viva em espaços rurais/sertanejos, ou mesmo não os conheça, como é o caso da maior parcela da população do país, o que se tem é a constituição desse ambiente, algo que transporta à região árida e toca naquilo que concerne a uma vida dura, de constantes desafios.